

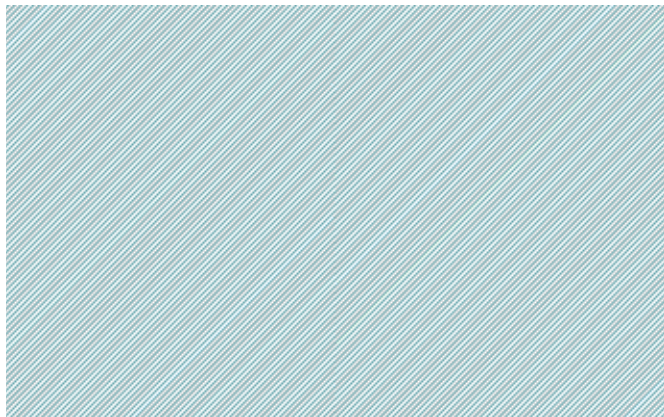


Competências na Ibero-América

Relatório da OCDE que analisa resultados do Pisa 2015 destaca desigualdades educativas na América Latina

Dois milhões e meio de estudantes na região ibero-americana não puderam completar nem sequer as tarefas mais básicas de leitura, matemática ou ciências do *Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa)* de 2015. Pobreza é destino? Não. No Vietnã, por exemplo, alunos de 15 anos que estavam entre os 10% mais pobres do país tiveram resultados de aprendizagem melhores que os 10% mais ricos do Brasil. O alto investimento nos professores ajuda a explicar essas diferenças entre um país e outro, como mostra o relatório *Competências na Ibero-América: Análise do Pisa 2015*, recém-publicado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Segundo o diretor de Educação e Competências da OCDE, Andreas Schleicher, é incorreto equiparar uma melhor educação simplesmente à disponibilidade de maiores fundos. "Contar com mais dinheiro só propicia o avanço dos sistemas educativos até certo ponto. (...) Os países ibero-americanos devem pensar com maior cuidado sobre a maneira como empregam seus recursos", afirma Schleicher no editorial do informe. A chave, ele acredita, é adequar os recursos às necessidades, priorizando os gastos de forma que possam aumentar a qualidade do magistério.



Schleicher apresentou o relatório no dia 20 de fevereiro, em São Paulo/SP, em reunião ministerial regional com a presença de representantes de 13 países. O encontro – que contou com a participação do secretário-geral da Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), Paulo Speller – foi promovido pela OCDE com a colaboração do Ministério da Educação do Brasil, da Secretaria-Geral Ibero-americana (Segib) e da Fundação Santillana.

Para o diretor da Fundação Santillana no Brasil, André Luiz de Figueiredo Lázaro, foi uma oportunidade importante para alinhar informações e interpretações sobre avanços educacionais dos países da região nos resultados do exame internacional.

Habilidades en Iberoamérica

Informe de OCDE que analiza resultados del Pisa 2015 destaca desigualdades educativas en Latinoamérica



Fotos: André Nery/MEC



Representantes de 13 países ibero-americanos participaram da reunião em São Paulo // Representantes de 13 países iberoamericanos participaron de la reunión en São Paulo

Dos millones y medio de alumnos en la región iberoamericana no pudieron completar ni siquiera las tareas más básicas de lectura, matemáticas o ciencias del Programa Internacional de Evaluación de Alumnos (Pisa) de 2015. ¿Pobreza es destino? No. En Vietnam, por ejemplo, alumnos de 15 años que estaban entre los 10% más pobres del país tuvieron resultados de aprendizaje mejores que los 10% más ricos de Brasil. La alta inversión en los profesores ayuda a explicar esas diferencias entre un país y otro, como muestra el informe *Habilidades en Iberoamérica: Análisis del Pisa 2015*, recién publicado por la Organización para la Cooperación y Desarrollo Económico (OCDE).

Segundo el director de Educación y Habilidades de OCDE, Andreas Schleicher, es incorrecto equiparar una educación mejor simplemente a la disponibilidad de inversiones más grandes. "Contar con más dinero solo propicia el avance de los sistemas educativos hasta cierto punto. (...) Los países iberoamericanos deben pensar con mayor cuidado sobre la manera como usan sus recursos", afirma Schleicher en el editorial del informe. La llave, cree él, es adecuar los recursos a las necesidades, priorizando los gastos de forma que puedan aumentar la calidad de la formación de profesores básicos.



Teresa Albuquerque
Jornalista. Desde 2015, dedica-se a temas vinculados à cooperação ibero-americana // Periodista. Desde 2015, se dedica a temas vinculados a la cooperación iberoamericana.



"No Brasil houve ligeira melhora na comparação entre os resultados de 2006 e 2015, mas a diferença entre alunos mais ou menos favorecidos se manteve estável", ressalta Lázaro. "Isso significa que, embora a escola possa fazer avançarem os níveis de aprendizagem, é preciso que a expressiva desigualdade socioeconômica seja reduzida, para que o efeito emancipador da educação possa alcançar mais amplamente nossa juventude e gerar os impactos desejados no emprego e na vida social."

EQUIDADE

Se tivesse que tirar uma conclusão do relatório, Andreas Schleicher escolheria a das grandes desigualdades educativas que se destacam na América Latina. "Isso tem que mudar", alerta. "As crianças que procedem de famílias acomodadas encontrarão muitas portas abertas para ter uma vida de êxito. Já as crianças de famílias desfavorecidas dispõem frequentemente de uma única oportunidade na vida: concretamente, de uma boa escola que lhes ofereça a oportunidade de desenvolver seu potencial."

De acordo com o diretor da OCDE, oferecer oportunidades educativas equitativas não constitui um problema tecnicamente complexo. "Os dados do

Pisa indicam que, em alguns países, inclusive as crianças mais desfavorecidas alcançam níveis de rendimento muito elevados. Muitas vezes complicamos as coisas ao colocar em jogo políticas e interesses capazes de distorcer enormemente o que redundaria em benefício das crianças."

Em Xangai (China), por exemplo, chama a atenção não apenas a elevada pontuação média, mas também a pequena variabilidade de rendimento escolar, apesar das consideráveis desigualdades sociais e econômicas. Ali, os esforços dedicados à melhoria do sistema escolar incluíram investimentos sistemáticos na infraestrutura de todas as escolas e incentivos aos professores de maior talento para que exercessem suas atividades em escolas desfavorecidas.

O EXAME

Realizado a cada três anos, o *Programa Internacional de Avaliação de Alunos* busca medir o quanto os estudantes estão preparados para aplicar conhecimentos e competências em leitura, matemática e ciências em desafios e oportunidades da vida real. A partir dos resultados, são produzidos indicadores que contribuem para a discussão da qualidade da educação nos países participantes.

Em maio deste ano, mais de 80 países aplicarão as provas do Pisa 2018. No Brasil, 19 mil alunos de 661 escolas serão submetidos ao exame, conduzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). O público-alvo são estudantes nascidos em 2002, matriculados a partir do sétimo ano do Ensino Fundamental. ■

Schleicher presentó el informe el 20 de febrero, en São Paulo, en reunión ministerial regional con presencia de representantes de 13 países. El encuentro – que contó con la participación del secretario general de la Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), Paulo Speller – fue promovido por la OCDE con la colaboración del Ministerio de Educación del Brasil, de la Secretaría General Iberoamericana (Segib) y de la Fundación Santillana.

Para el director de la Fundación Santillana en el Brasil, André Luiz de Figueiredo Lázaro, fue una oportunidad importante para ajustar informaciones e interpretaciones sobre avances educacionales de los países de la región en los resultados del examen internacional.

“En el Brasil hubo ligera mejora en la comparación entre los resultados de 2006 y 2015, pero la diferencia entre alumnos más o menos favorecidos se mantuvo estable”, resalta Lázaro. “Eso significa que, aunque la escuela pueda hacer avanzar a los niveles de aprendizaje, es necesario que la expresiva desigualdad socioeconómica sea reducida, para que el efecto emancipador de la educación pueda alcanzar más ampliamente la juventud brasileña y generar los impactos deseados en el trabajo y en la vida social”.

EQUIDAD

Si hubiese que sacar una conclusión del informe, Andreas Schleicher elegiría la de las grandes desigualdades educativas que se destacan en Latinoamérica. “Eso hay que cambiar”, advierte. “Los niños que proceden de familias acomodadas encontrarán muchas puertas abiertas para tener una vida de éxito. Mientras que los niños de familias desfavorecidas disponen frecuentemente de una única oportunidad en la vida: concretamente, de una buena escuela que les ofrezca la oportunidad de desarrollar su potencial.”

De acuerdo con el director de OCDE, ofrecer oportunidades educativas equitativas no constituye un problema técnicamente complejo. “Los datos del Pisa indican que, en algunos países, incluso los niños más desfavorecidos alcanzan niveles de rendimiento muy elevados. Muchas veces complicamos las cosas al poner en juego políticas e intereses capaces de alterar enormemente lo que redundaría en beneficio de los niños.”

En Shanghái, por ejemplo, llama la atención no apenas la elevada puntuación media, pero también la pequeña variabilidad de rendimiento escolar, a pesar de las considerables desigualdades sociales y económicas. Allí, los esfuerzos dedicados a la mejoría del sistema escolar incluyeron inversiones sistemáticas en la infraestructura de todas las escuelas, e incentivos a los profesores de mayor talento para que ejerciesen sus actividades en escuelas desfavorecidas.

EL EXAMEN

Realizado a cada tres años, el *Programa Internacional de Evaluación de Alumnos* busca medir cuanto los estudiantes están listos para aplicar conocimientos y habilidades en lectura, matemáticas y ciencias en retos y oportunidades de la vida real. A partir de los resultados, son producidos indicadores que contribuyen para la discusión de la calidad de la educación en los países participantes.

En mayo de este año, más de 80 países aplicarán las pruebas del Pisa 2018. En el Brasil, 19 mil alumnos de 661 escuelas serán sometidos al examen, conducido por el Instituto Nacional de Estudios e Investigaciones Educativas Anísio Teixeira (Inep). El público objetivo son alumnos nacidos en 2002, inscritos a partir del séptimo año de la Enseñanza Fundamental brasileña. ■